

Hulda Guzmán

FRUTAS MILAGROSAS
MIRACLE FRUITS

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

HULDA GUZMÁN

As pinturas de Hulda Guzmán (Santo Domingo, República Dominicana, 1984) são cheias de interações vibrantes e inesperadas. Relações de afeto e os arredores do lugar onde a artista vive são temas recorrentes em suas telas, nas quais cenários tropicais e fantásticos são habitados por um elenco diverso de personagens — reais ou imaginários. Suas obras mantêm um caráter biográfico, e são impregnadas de humor e de um apelo onírico ou teatral.

Além de retratos de familiares, amigos, autorretratos e cenas de interior — muitas vezes com a presença de seus gatos —, o trabalho de Guzmán é composto por paisagens que entrelaçam cenários caribenhos com elementos da arquitetura e do mobiliário modernistas, do

art déco ao popular. A paisagem, em suas obras, é ao mesmo tempo cenário e protagonista, representando um território vivo, no qual sempre há um detalhe ou uma interação a ser descoberta. Ao celebrar a natureza, a artista propõe uma forma de ver o mundo em que tudo está interligado, destacando assim a importância da convivência entre diferentes formas de vida.

A mostra *Frutas milagrosas* parte da pintura *Venha dançar — convidou a natureza gentilmente* (2020), pertencente ao acervo do MASP, para abordar a relação de Guzmán com a ecologia, e reúne dezoito trabalhos, entre eles oito novas pinturas produzidas especialmente para esta exposição. O título faz referência aos frutos representados na pintura *I'm for the Birds* [Sou para os pássaros] (2025). Embora evoquem certo encantamento, nota-se que as frutas não

possuem, em si, propriedades milagrosas. Na tela, o que faz os frutos levitarem — assim como o corpo da personagem figurada, que é a própria artista — não é um milagre, mas a entrega à natureza, a rendição confiante aos pássaros e ao mundo natural. É esse gesto que “suspende a realidade”, tanto na imagem quanto no plano simbólico. Ao reimaginar o gênero da paisagem — especialmente a paisagem tropical — como espaço de coexistência e transformação, a exposição reafirma o papel de Guzmán na renovação da pintura contemporânea.

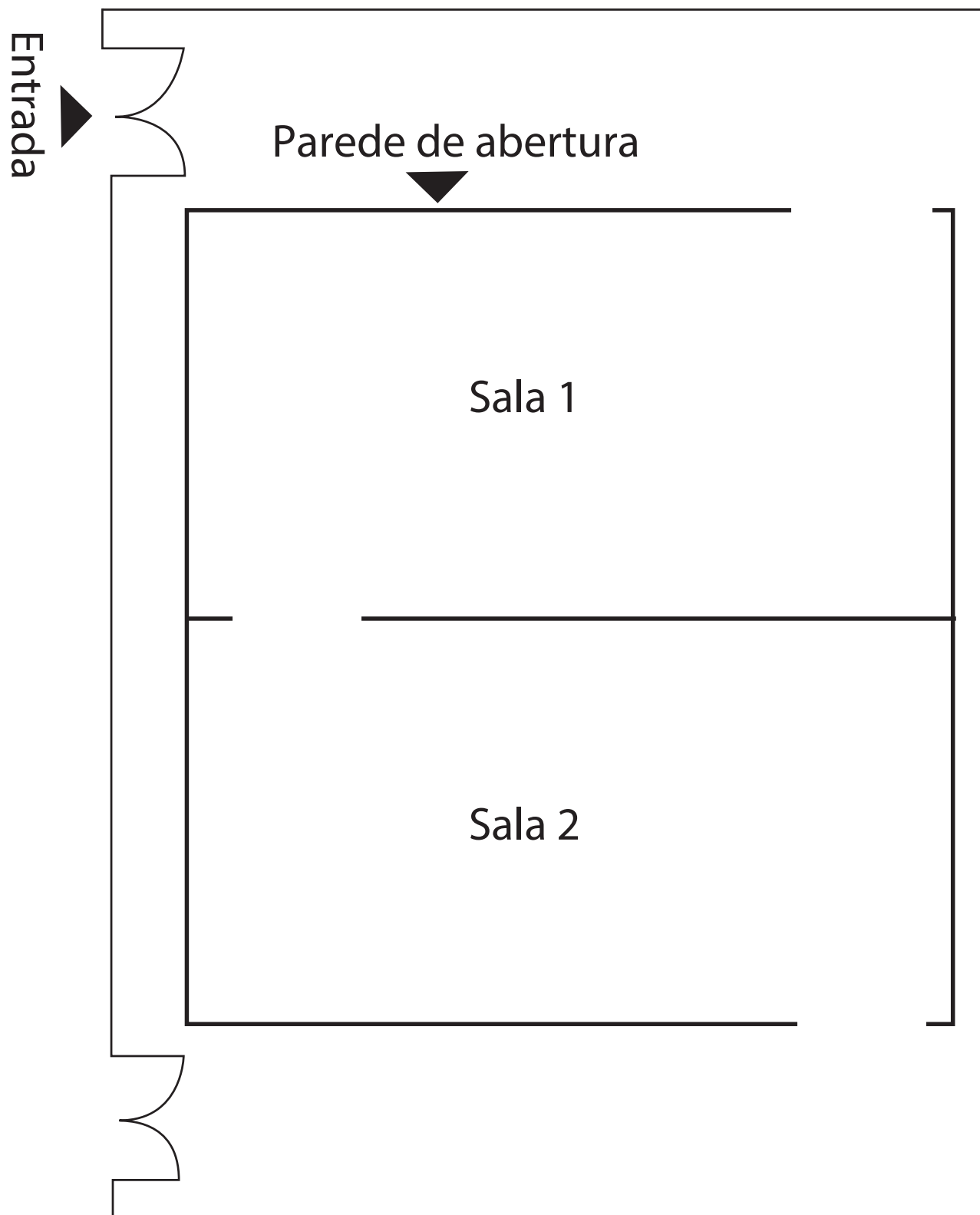
Hulda Guzmán: frutas milagrosas é curada por Amanda Carneiro, curadora, MASP.

A exposição integra o ano dedicado às Histórias da ecologia, que inclui mostras monográficas de Abel Rodriguez, Clarissa Tossin, Claude Monet,

Frans Krajcberg, Minerva Cuevas, Mulheres Atingidas por Barragens (MAB), Taniki Yanomami, além da coletiva *Histórias da ecologia*, bem como mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e Vídeo nas Aldeias.

Desde 2019, o MASP tem um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos, iniciativas que, em 2025, se somam à programação das *Histórias da ecologia*. O novo edifício Pietro Maria Bardi também incorpora soluções sustentáveis e, por isso, conquistou a certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design).

Mapa do espaço expositivo



PAREDE DE ABERTURA



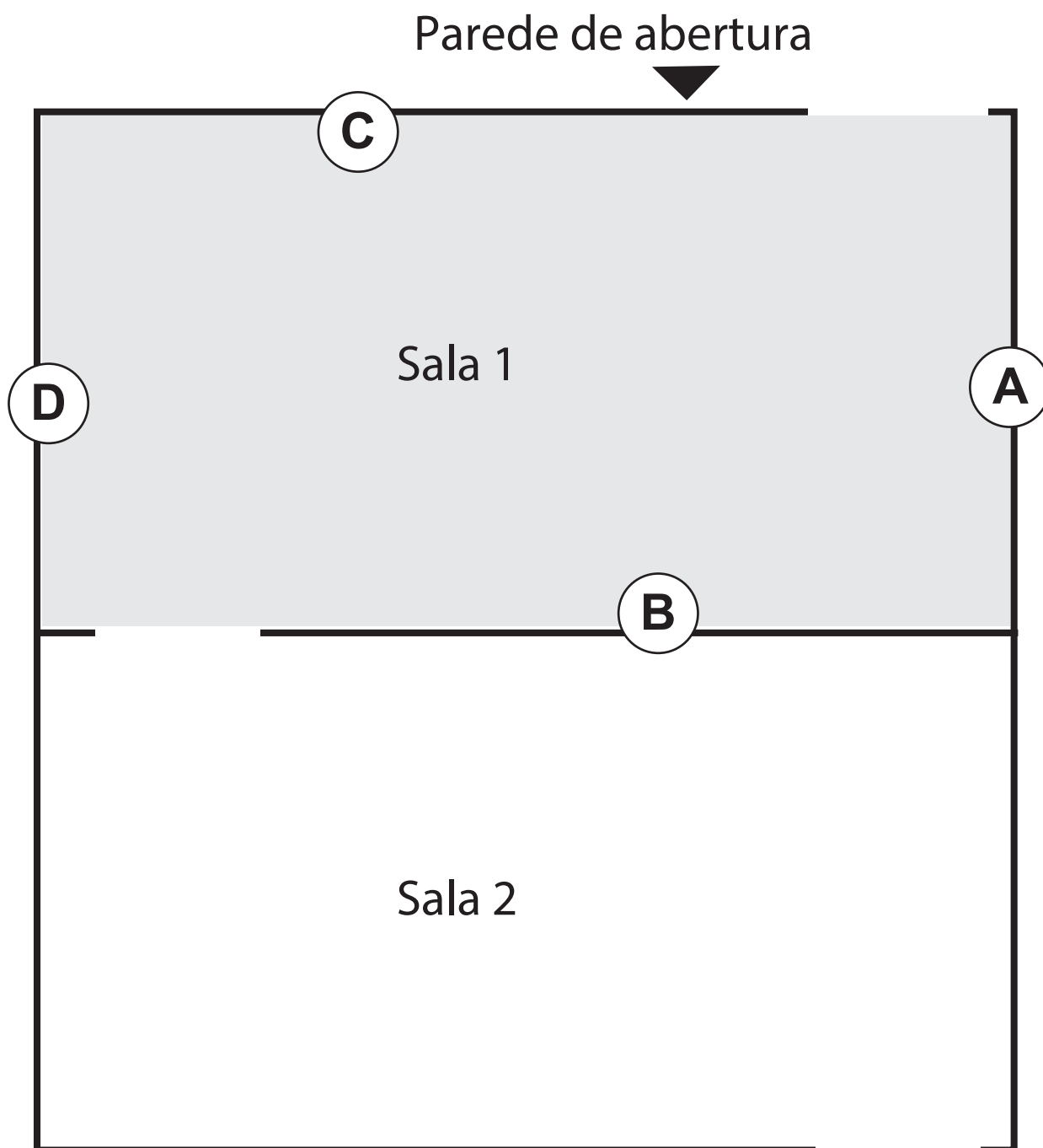
HULDA GUZMÁN

1. *Under the Bitter Orange Tree* [À sombra da laranjeira azeda], 2020

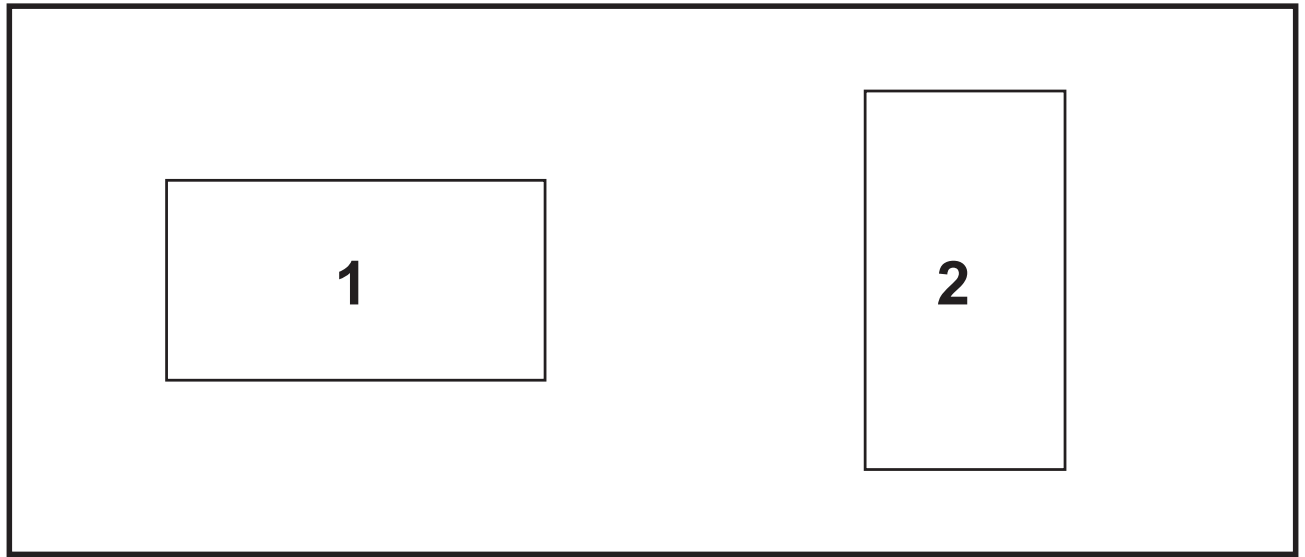
Guache acrílico sobre tela

Coleção Tomokazu Matsuyama, Nova York,
Estados Unidos

SALA 1



PAREDE A



HULDA GUZMÁN

1. *I'm for the birds* [Sou para os pássaros], 2025

Guache acrílico sobre linho

Cortesia da artista, Alexander Berggruen, Nova York, Estados Unidos, e Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, e Nova York

Na varanda do ateliê de Guzmán, uma figura oferece à artista uma tigela de frutas e se surpreende ao vê-la se elevar, envolta em uma explosão de dourados brilhantes e verdes saturados. A cena acontece ao entardecer, quando a luz suave recobre folhas e galhos, e o fundo dourado evoca a pintura japonesa, que utiliza o ouro para sugerir mistério e profundidade. O azul da água, por sua vez, insere um ponto de respiro na paisagem. A atmosfera sobrenatural sugere uma realidade suspensa pela entrega da artista ao momento e aos pássaros—retratados em uma escala ampliada e não convencional, em referência à pintora macuxi Carmézia Emiliano. A obra sugere que essa transcendência decorre de uma abertura ao encantamento da natureza, enquanto o corpo suspenso simboliza uma entrega absoluta, onde a gravidade da vida cotidiana se desfaz e o voo aprendido com as aves se torna um ato de confiança e liberdade.

2. *Una película de terror (bajo la amapola y la manzana de oro)* [Um filme de terror (à sombra da papoula e da macieira de ouro)], 2020

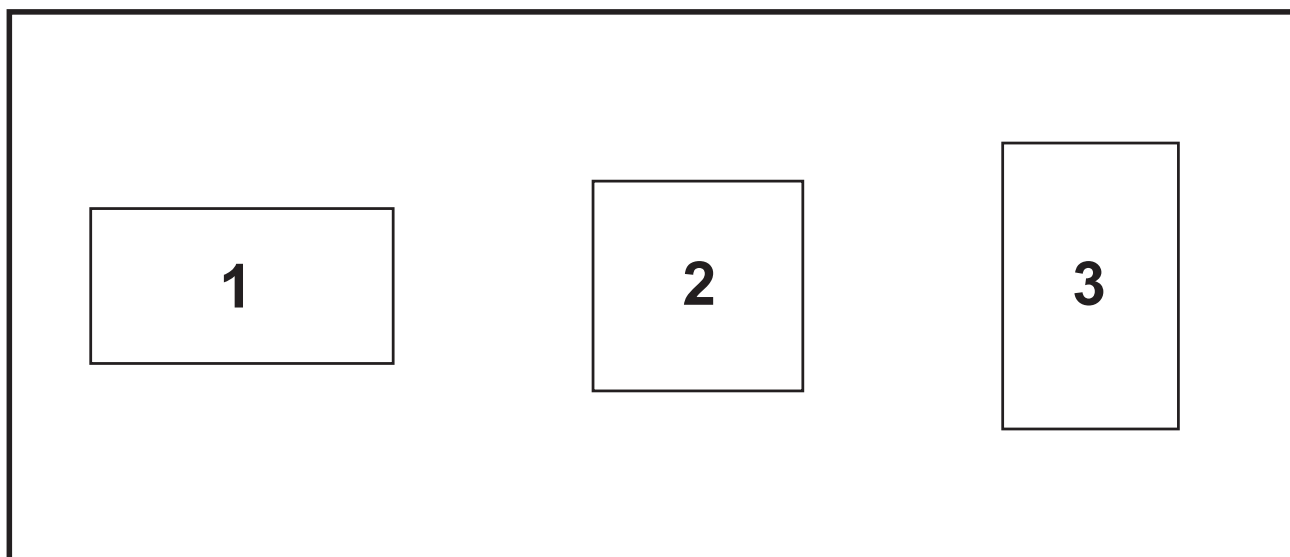
Guache acrílico sobre tela

Coleção Alexander Berggruen, Nova York,
Estados Unidos

Esta é uma das primeiras pinturas que Guzmán produziu durante a pandemia de Covid-19, período marcado pelo medo e pela insegurança. Segundo a artista, naquele momento, a pintura de observação direta se tornou uma ferramenta essencial para sua sanidade, pois contemplar a materialidade e a continuidade da natureza a fazia se sentir em sintonia com a realidade. Na obra, duas árvores do seu jardim se entrelaçam, como se dançassem e trocassem um carinho

físico, algo que, naquele momento, era negado às pessoas. Sob a sombra dessas árvores unidas, uma criança caminha em direção a uma criatura monstruosa, posicionada no lado oposto da composição. A figura exhibe ao menino enormes dentes brancos e pontiagudos, mas não está claro se o faz em um sorriso acolhedor ou em um gesto ameaçador, como em um filme de terror — referência que é sugerida pelo título do trabalho. A narrativa evoca um cenário de vulnerabilidade, fragilidade e incerteza, refletindo o sentimento coletivo vivenciado no período.

PAREDE B



HULDA GUZMÁN

1. *Come Dance—Asked Nature Kindly*
[Venha dançar – convidou a natureza
gentilmente], 2019–20

Guache acrílica sobre linho

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand,
doação Rose e Alfredo Setubal no contexto da
exposição *Histórias da dança*, 2020

Esta pintura retrata uma celebração em meio a uma floresta tropical densa e vibrante, cortada por um rio sinuoso. Figuras humanas interagem de diversas formas: a artista abraça uma árvore, uma criança repousa ao lado de um cachorro, pessoas dançam, se banham e se beijam, compondo uma cena de hedonismo e exaltação. No entanto, o hedonismo aqui apresentado se afasta da busca pelo prazer individual, tornando-se uma experiência sensorial compartilhada, em comunhão com a natureza e com os seres que a habitam. A pequena escala das figuras, em contraste com a monumentalidade da paisagem, reforça a centralidade da natureza. O uso variado de tons de verde e uma paleta cromática complexa para representar a vegetação conferem textura e profundidade à cena, sugerindo que o movimento não se restringe aos corpos humanos. O título da obra reforça essa reciprocidade, ou

seja, a dança não se limita à alegria do movimento; é também uma coreografia de interdependência, um gesto que evidencia que a vida na Terra não prospera no isolamento ou na dominação.

2. *The Whistler* [O assoviador], 2025

Guache acrílico sobre linho

Cortesia da artista, Alexander Berggruen, Nova York, Estados Unidos, e Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, e Nova York

Nesta tela, como em muitas outras, o processo criativo de Guzmán começa com a pintura da paisagem de fundo, que depois é trabalhada em um programa de edição de imagens. Nessa etapa, a artista insere digitalmente as figuras que constroem a narrativa. Seu arquivo de referências reúne retratos de amigos, familiares e figuras

extraídas de livros, mídias sociais e obras de arte. O assoviador foi incorporado à pintura a partir dessa coleta de imagens. Na cena noturna, ele se posiciona na parte rasa de um riacho, segurando um galho como se fosse um cajado. O movimento cintilante da água se confunde com o cabelo esverdeado da figura, que brilha como uma auréola. À sua frente, um peixe salta de maneira dinâmica, colorido com a paleta do arco-íris. O menino assobia serenamente no mesmo ritmo que o salto do animal, ou em comemoração ao ato de caça do próprio peixe, fazendo referência ao ciclo da vida. A pintura sugere, ao mesmo tempo, uma cena dentro e fora do real, refletindo impressões sensoriais que também podem ser místicas e oníricas.

3. *The Offering* [A oferenda], 2025

Guache acrílico sobre linho

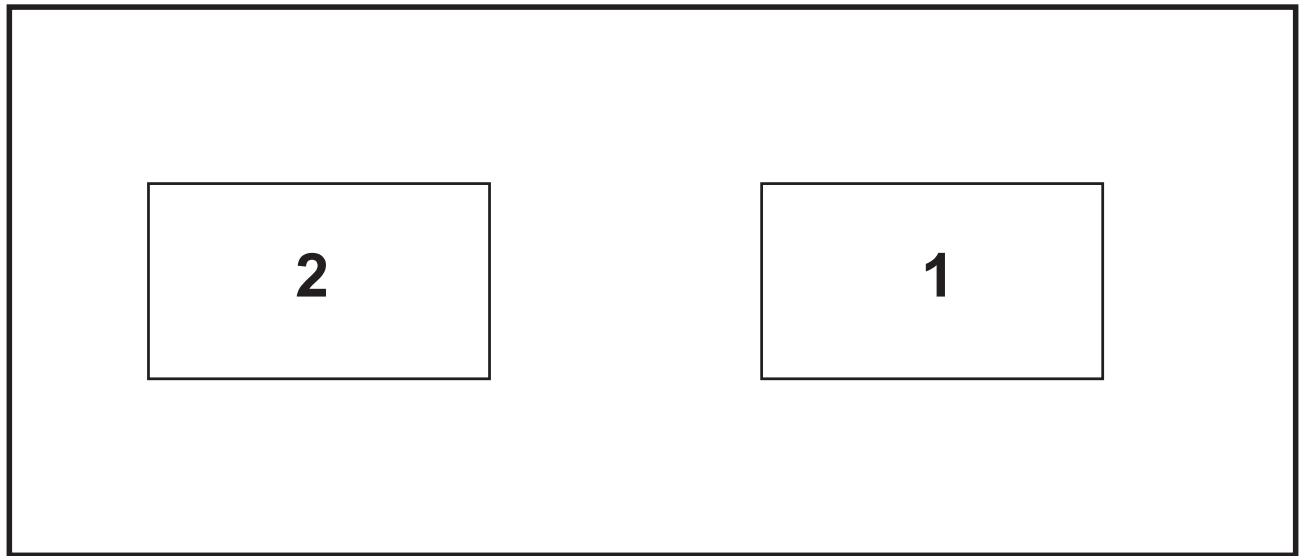
Cortesia da artista, Alexander Berggruen, Nova York, Estados Unidos, e Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, e Nova York

Em 2023, Guzmán participou de uma exposição com o artista sueco Andreas Eriksson, cuja pintura abstrata se caracteriza por campos cromáticos de tons terrosos e botânicos.

Inspirada por essa experiência, ela criou o fundo desta obra em um processo meditativo, a partir de blocos de cor que delineiam um paredão montanhoso entre o mar e o céu noturno. No centro da cena, uma sereia oferece um peixe a um pássaro — como se entregasse a si mesma ao outro, uma vez que também pertence ao universo marinho. O gesto evoca um estado

de entrega e transcendência, simbolizado pela luz branca que emana de seus olhos e de seu sorriso, refletida no pássaro. No topo da composição, sob uma lua crescente, a linha do horizonte é levemente arqueada, emulando a curvatura do planeta e criando uma atmosfera onírica de um universo astral onde a comunhão entre os seres se manifesta.

PAREDE C



HULDA GUZMÁN

1. *Trustful Surrender* [Entrega de confiança], 2017

Acrílica sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação da artista, 2018

2. *“please awake”—asked nature kindly* [“por favor, acorde” – convidou a natureza gentilmente], 2019

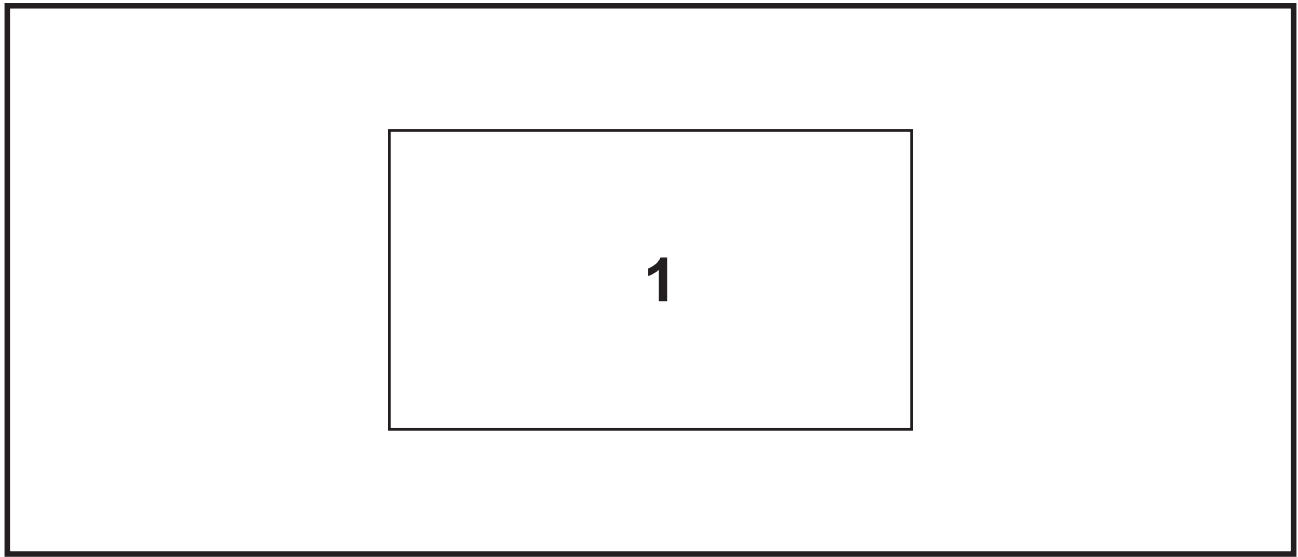
Guache acrílico e tinta sobre compensado
de cedro

Coleção Richard Torres e Kerrie McDevitt

Neste autorretrato, Guzmán se apresenta de costas, remetendo a um longo histórico de figuras femininas representadas deitadas ou semirreclinadas na história da arte e que geralmente evocam introspecção, sensualidade ou repouso. Aconchegada por seu gato, ela contempla um crepúsculo diante de uma paisagem montanhosa, pontuada por uma nuvem alongada e por duas grandes estrelas, compondo uma atmosfera cósmica e idílica. O título, *“por favor, acorde”* – convidou a natureza

gentilmente, foi extraído de uma ilustração de um livro infantil que acompanhava a imagem de um cogumelo com um olho, reproduzido na pintura aos pés da artista. Tanto o olho no fungo quanto o título sugerem uma natureza personificada, que se comunica com quem a observa, interagindo de forma educada e afetuosa. O convite para acordar transcende o simples ato de romper o sono, evocando um despertar não apenas físico, mas também emocional e espiritual, que se sensibiliza com a unidade e com o equilíbrio profundo contido na natureza.

PAREDE D



HULDA GUZMÁN

1. *Fiesta en el batey* [Festa no batey], 2010-11

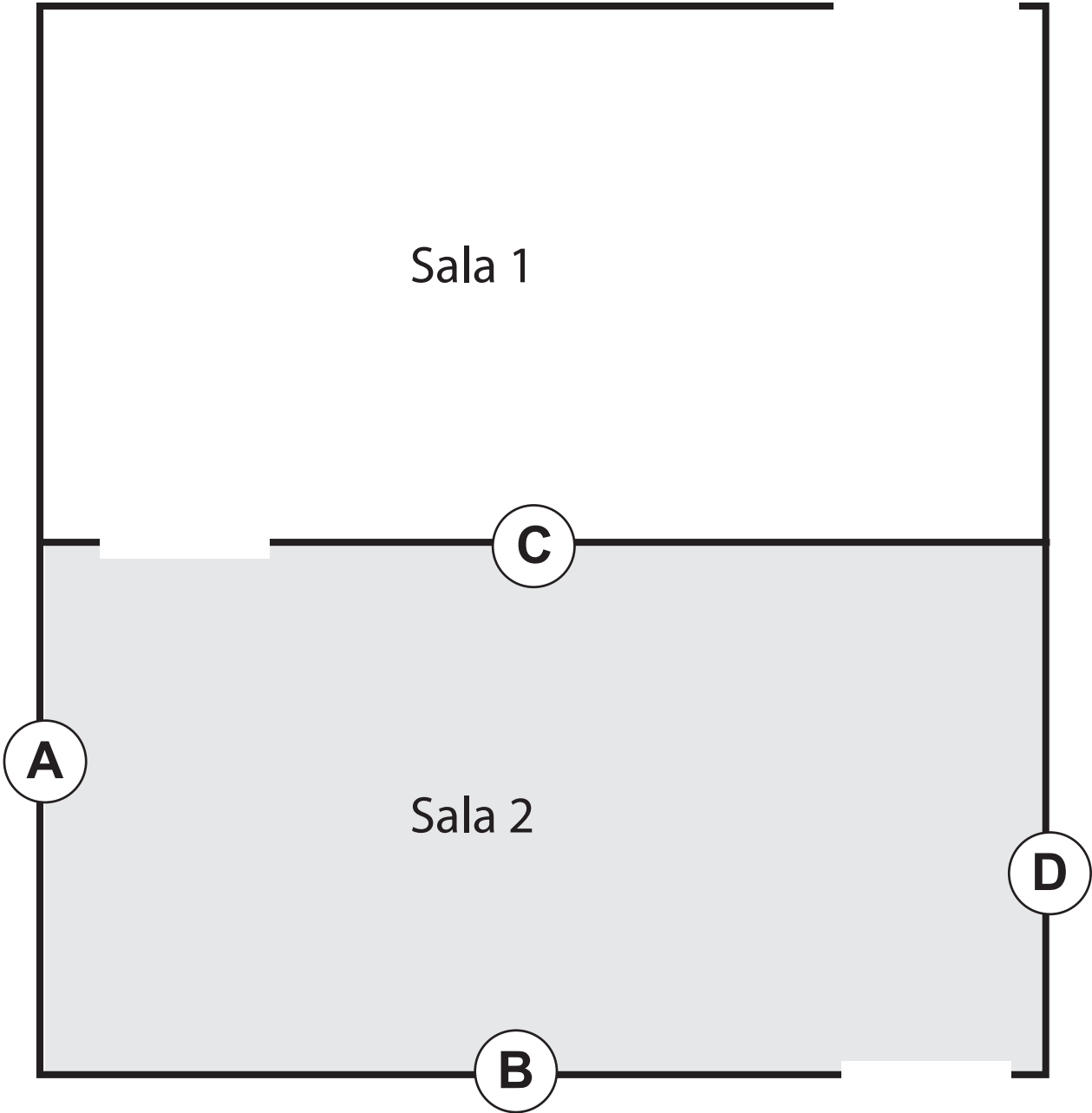
Acrílica sobre tela

Centro Cultural Eduardo León Jimenes,
Santiago de los Caballeros,
República Dominicana

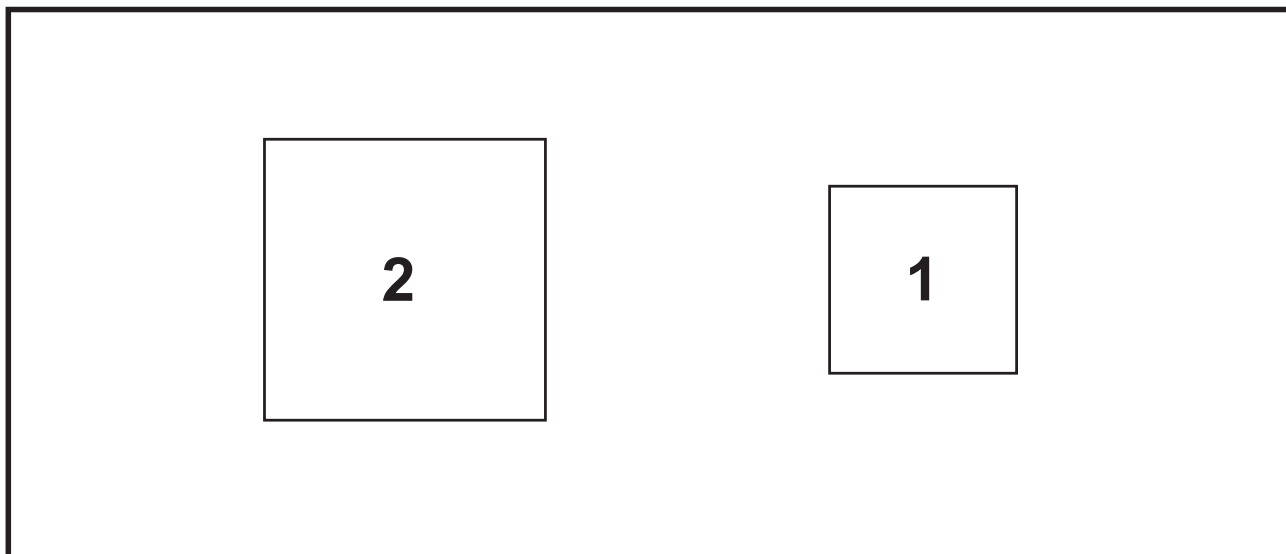
Em meio a uma exuberante floresta, um grupo de pessoas interage em uma celebração noturna vibrante. A festa acontece na casa de campo projetada pelo pai de Guzmán, uma construção que incorpora elementos típicos da arquitetura vernacular dominicana, como os telhados de dupla água invertidos, projetados para que as abundantes chuvas tropicais escoem rapidamente. A pintura é uma homenagem ao pai da artista, cuja maior alegria é dar festas — e esta, em especial, acontece em uma de suas criações. Entre os convidados, além dos amigos de Guzmán, estão os taínos, povo indígena que habitava o Caribe antes da invasão espanhola. Sua presença se estende ao próprio título da obra, que usa a palavra batey, termo da língua taíno que designa praças e espaços comunitários destinados a festividades e cerimônias; à figura do peixe-boi — animal icônico do arquipélago,

com o qual esse povo mantinha uma forte conexão cultural e espiritual; e à nudez dos personagens, que remete a uma cultura livre da moralidade cristã. Em plena comunhão com a natureza, as figuras dançam descalças, mergulham em uma piscina natural de águas vindas da mata e se aquecem ao redor de uma fogueira. A cena retrata uma ocasião em que humanidade, arquitetura e paisagem se relacionam em equilíbrio e harmonia.

SALA 2



PAREDE A



HULDA GUZMÁN

1. *Undefined Ceremony* [Cerimônia desconhecida], 2019

Aquarela e guache acrílico sobre compensado de casuarina

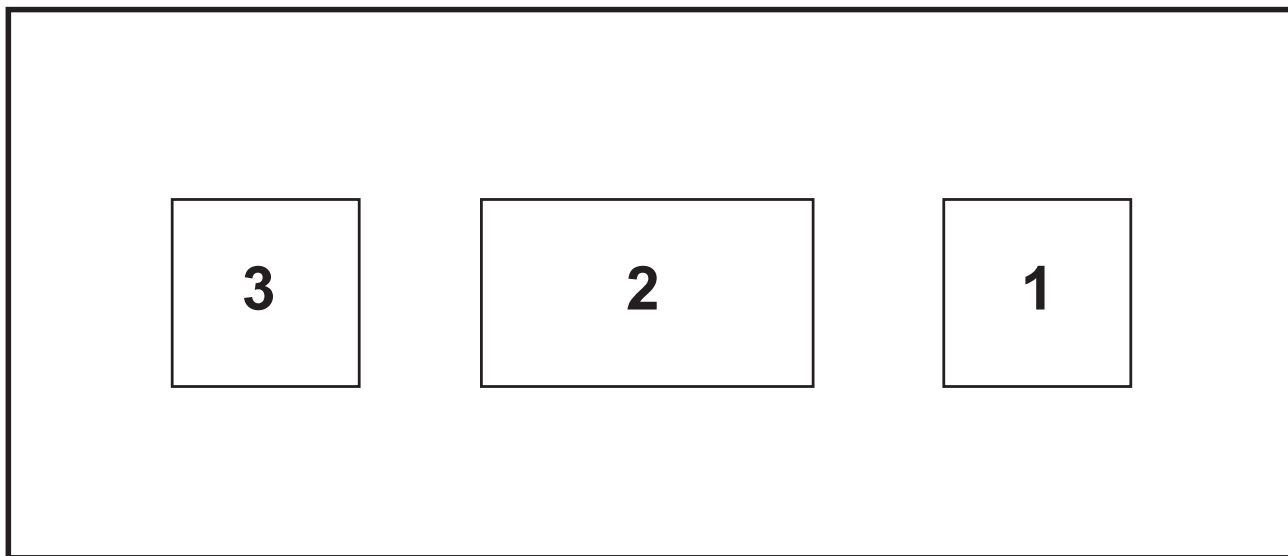
Cortesia da artista e Alexander Berggruen,
Nova York, Estados Unidos

2. *Joy in the Rain* [Alegria na chuva], 2025

Guache acrílico sobre linho

Cortesia da artista, Alexander Berggruen, Nova York, Estados Unidos, e Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, e Nova York

PAREDE B



HULDA GUZMÁN

1. *Furry Portal* [Portal peludo], 2025

Guache acrílico sobre linho

Cortesia da artista, Alexander Berggruen, Nova York, Estados Unidos, e Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, e Nova York

2. *Find Me in All Things* [Encontre-me em todas as coisas], 2025

Guache acrílico sobre linho

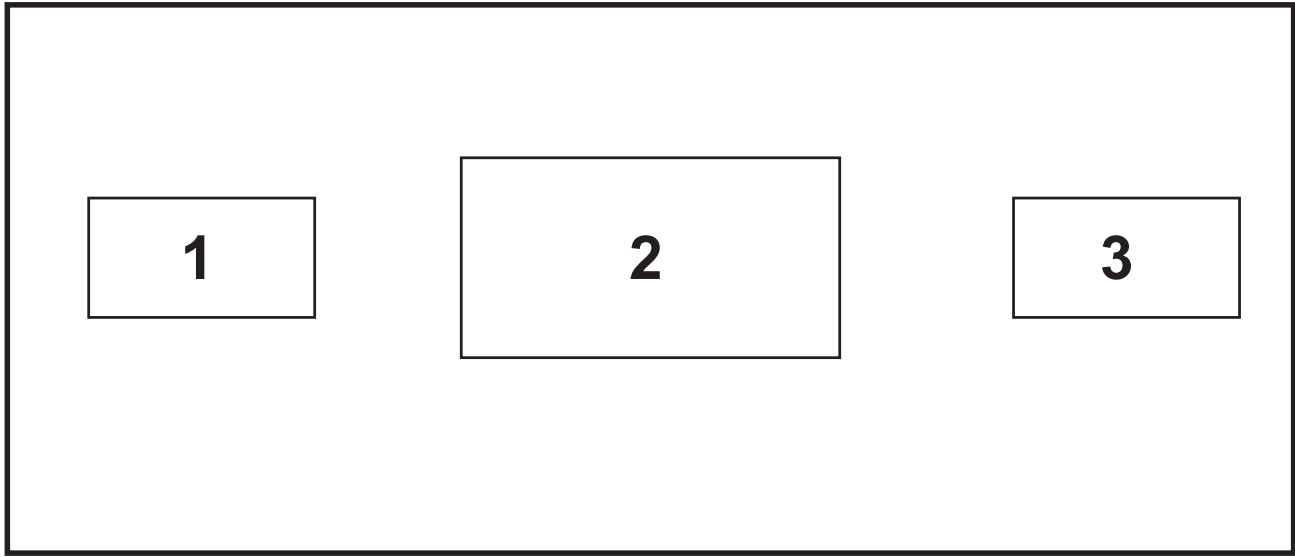
Cortesia da artista, Alexander Berggruen, Nova York, Estados Unidos, e Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, e Nova York

3. *Wilder than the Sun* [Indomável como o Sol], 2025

Guache acrílico sobre linho

Cortesia da artista, Alexander Berggruen, Nova York, Estados Unidos, e Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, e Nova York

PAREDE C



HULDA GUZMÁN

1. *Fresa salvaje* [Morango selvagem], 2021

Guache acrílico sobre tela

Coleção Alexander Berggruen, Nova York,
Estados Unidos

2. *wednesday morning* [manhã de quarta-feira], 2019

Guache acrílico sobre tela

Cortesia John Berggruen, São Francisco,
Estados Unidos

3. *Kali, You're So Funny* [Kali, você é tão divertida], 2023

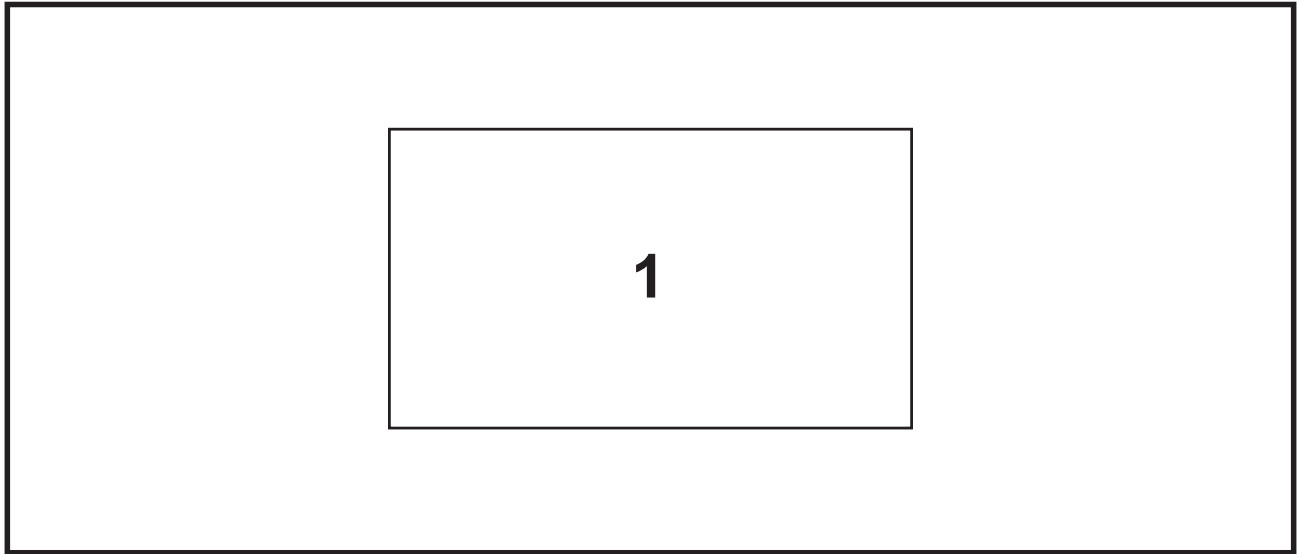
Guache acrílico sobre linho

Coleção Hermanos Bisono Leon,
República Dominicana

Em 2022, o furacão Fiona atingiu as ilhas caribenhas, danificando a casa da família de Guzmán em Samaná. Este trabalho retrata a reforma do espaço após o desastre, com a presença de Eddy, pai da artista, o arquiteto

responsável pelo projeto original e por sua reconstrução. Parte da estrutura da residência é feita de madeira de palmeira-real, abundante na ilha e comum na arquitetura vernacular dominicana, enquanto o piso quadriculado em cerâmica é uma herança da colonização espanhola — referências também presentes nas pinturas da artista. Ao lado de Eddy está Kali, divindade hindu que simboliza a destruição e a transformação, personificando a tempestade. Apesar de sua típica postura voraz, a deusa é recebida com um sorriso e braços abertos, como se fosse uma velha conhecida. O gesto sugere enxergar a destruição não só como fim, mas também como parte do ciclo natural de renovação — um reconhecimento de que a abertura ao imprevisível e ao acaso são essenciais para uma relação equilibrada com a natureza.

PAREDE D



HULDA GUZMÁN

1. *The Country Club* [Clube de campo], 2025

Guache acrílico sobre linho

Cortesia da artista, Alexander Berggruen, Nova York, Estados Unidos, e Stephen Friedman Gallery, Londres, Inglaterra, e Nova York